

# “VIVO SONHANDO”: MIROSLAV MILOVIC

*"I LIVE DREAMING": MIROSLAV MILOVIC*

Rose Dayanne<sup>1</sup>

Universidade Federal de Campina Grande, Sousa, PB, Brasil.

---

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v1i1.26>

Recebido em: 12.01.2023

Aceito em: 10.02.2023

---

**Resumo:** O texto tem o objetivo de indicar as ressonâncias políticas no pensamento de Miroslav Milovic e Jacques Derrida. Em tempos de terror, esses dois filósofos destacaram a importância da democracia radical compreendida como possibilidade do impossível. Para entender as implicações desta questão, o artigo se divide em duas seções. O ponto de partida é o luto infinito, singular e coletivo, consequência das catástrofes políticas. A segunda seção investiga as relações de amizade imbricadas nas questões políticas. Nesse artigo, a fonte que a pesquisa utiliza é a correspondência de Mario Castellani a Miroslav Milovic acerca do tema “A democracia não tem fim”, alusão a obra *Voyous* de Derrida. A correspondência foi encontrada nos *Manuscritos direito como potência*, acervo que se mostra exitoso para novas pesquisas acerca do pensamento de Milovic. No final, ganha relevância a responsabilidade do sobrevivente em semear a espectralidade do outro, pois o mais importante do amor incondicional não é a semente, é o semear.

**Palavras-chave:** Luto, Milovic, democracia, responsabilidade.

**Abstract:** The text aims to present the political resonances in Miroslav Milovic and Jacques Derrida's thinking. In times of terror, these two philosophers emphasised the importance of radical democracy understood as the possibility of the impossible. To understand the implications of this issue, the article is divided into two parts. The starting point is the infinite grief, individual and collective, a consequence of political catastrophes. The second part investigates the close friendships relations with political issues. In this article, the source that the research uses is Mario Castellani's correspondence to Miroslav Milovic on the theme “Democracy has no end”, an allusion to Derrida's *Voyous*. The correspondence was found in the Manuscripts right as potency, a collection that proves to be successful for further research on Milovic's thinking. In the end, the survivor's responsibility to sow the spectra of the other gains relevance, since the most important thing in unconditional love is not the seed, it is the sowing.

**Keywords:** Grief, Milovic, democracy, responsibility.

---

<sup>1</sup> Professora Substituta na Universidade Federal de Campina Grande. Líder do Grupo de Pesquisa Miroslav Milovic.



## Luto

“O sonho faz pensar, sobretudo quando nos faz pensar a *possibilidade do impossível*” (DERRIDA, 2002).

Onze dias após o 11 de Setembro de 2001, Derrida recebeu o prêmio Adorno em Frankfurt. No discurso de agradecimento, destacou que “o sonho é o elemento mais acolhedor para o luto, para a obsessão, para a espectralidade dos espíritos e para o retorno dos que voltam [...]”. Ao ler esse discurso me reporteí ao espectro de Miroslav Milovic, eterno retorno.

Aquele que sobrevive à morte do ente amado, experimenta o fim do mundo<sup>2</sup> e convive com o desejo incessante de encontrar o outro que partiu, sempre, cedo demais. Nesse sentido, escrever sobre alguém que se ama é ir ao encontro. Rememorar acontecimentos e sonhos. Resignificar o luto infinito<sup>3</sup>. É também interrogar-se sobre o passado, sobre o que poderia ter sido feito para que o pior não acontecesse. A cicatriz inscrita no corpo e na alma daquele que sobrevive é o fracasso diante da impossibilidade de salvar o outro da morte, de interromper a catástrofe. Na perspectiva ética: “o outro me individualiza na responsabilidade que eu tenho por ele. A morte do outro que morre me afeta na minha identidade de eu responsável” (LEVINAS, 2003, p. 31).

Boris Pahor dedicou a obra *Necrópole* “a todos que não voltaram”. No livro, ele narra as contradições de ter sobrevivido ao campo de concentração e o sentimento de culpa, de ser um homem vivo, na cidade dos mortos. “É uma traição, fala Pahor, ter sobrevivido e viver” (MILOVIC, 2020, p. 391). A admiração de Milovic pelo escritor esloveno ficou registrada no artigo publicado em 2020<sup>4</sup>. Anos atrás, Milovic foi convidado pela embaixada da Eslovênia para proferir uma palestra em homenagem aos 100 anos de Pahor. O evento não ocorreu, mas o texto ficou guardado.

O conceito de necropolítica foi muito utilizado para definir a política brasileira e o negacionismo diante da pandemia de Covid-19. Esse período no Brasil fez Milovic recordar a literatura de Pahor e fazer um paralelismo à tese filosófica de Agamben da “vida exposta à morte”. O resultado foi a publicação do artigo na Revista Profanações, em 2020, com a seguinte diagnose: “A biopolítica da modernidade se transformou em tanatopolítica. Para ficar mais claro, a palavra biopolítica quer dizer uma política sem a política. Essa é a explicação da despolitização moderna e da perda da liberdade” (MILOVIC, 2020, p. 392). A política no Brasil, no quadriênio 2019-2022, concretizou o projeto da morte, o discurso de ódio, a negação da diferença e a razão de ser da política. Todos os perigos que a história demonstrou que a política não deve ser foram praticados e implementados no Brasil.

A eleição de Bolsonaro à presidência foi uma tragédia anunciada em 2018. O lema que circulou nas redes sociais, no final daquele ano, foi “ninguém solta a mão de ninguém”.

2 A “morte do outro, não apenas, mas sobretudo se nós o amamos, não anuncia uma ausência, uma desapareição, o fim de tal ou tal vida (...). A morte declara a cada vez o fim do mundo em totalidade, o fim de todo mundo possível e a cada vez o fim do mundo como totalidade única, portanto insubstituível e portanto infinita” (DERRIDA apud CONTINENTINO).

3 Ver SANTOS, Rose Dayanne. Luto Impossível: em memória de Miroslav Milovic. IN: SANTOS, Mariana Dias Pinheiro... [et. Al]. **II Filosofia, vida e morte (livro eletrônico)**. 1 ed. Aracaju: Marcos Balieiro, 2022.

4 Ver MILOVIC, M. *Necrópole da vida nua*: Paralelismos entre Agamben e Pahor. Profanações, 7, 2020, p. 387–393.

No entanto, nem o mais pessimista dos brasileiros tinha a dimensão concreta da tragédia que estava por vir. Genocídio contra os *Yanomami*<sup>5</sup>, genocídio contra as vítimas da Covid-19; após a redemocratização, nenhum Presidente no Brasil tinha sido acusado de praticar tantos crimes de genocídio e crimes contra a humanidade como Bolsonaro. Aproximadamente 700 mil pessoas, além dos casos subnotificados, mortes correlacionadas às ações e omissões do Governo Federal, conforme comprovou o extenso Relatório<sup>6</sup> da CPI da Pandemia.

Em 2019, Milovic enviou vários e-mails manifestando interesse em sair do Brasil, fazer uso do “sabático” e voltar a Alemanha. Sem saber que sair do Brasil, talvez, fosse a melhor maneira de permanecer vivo. Seria, talvez, uma intuição? A hospitalidade, o acolhimento, a abertura ao outro, que Milovic tanto defendia nos textos<sup>7</sup> não foi alcançada na prática nesse momento. Um único “sim” como resposta poderia ter mudado os rumos da história de Milovic, e, por conseguinte, a minha?

É bem verdade que Milovic já tinha vivenciado essa experiência nômade de deixar seu país, a Iugoslávia, durante a guerra e viver um périplo pela Grécia, Turquia, Espanha, Japão até chegar a América. O filósofo Luis Sáes Rueda, professor em Granada, ao dedicar um exemplar do livro a Milovic, escreveu:

A mi amigo Miroslav, de corazón a corazón. Miro ha sido un auténtico ser errático.

Talvez, essa seja uma justa maneira de definir Miroslav. Ser errático é aquele que “pode colocar em ação sua liberdade e ascender à forma mais digna de sua existência. Pois existir implica enfrentar o desafio de estar sempre em trânsito ou em construção”.<sup>8</sup>

Milovic viveu mais de duas décadas no Brasil, um refúgio seguro desde a década de 90, no entanto se tornou o pior lugar para estar durante a pandemia de Covid-19. Como isso aconteceu? Faz sentido procurar a origem da tragédia? Em 2016, se Bolsonaro tivesse sido cassado ao fazer apologia à tortura durante a sessão de admissibilidade do impeachment da Presidente Dilma no Congresso Nacional, estaríamos mais salvaguardados na pandemia? Seria o golpe contra a Presidente Dilma Rousseff a gênese da tragédia brasileira?

A política, porém, não é feita de hipóteses e a história, por sua vez, não é a narrativa imbricada na partícula “se”, mas na versão que se consumou. Lembro Milovic dizer que esteve frente a frente de Bolsonaro em dois momentos durante uma viagem a Florianópolis. Convidado a ministrar uma palestra na Universidade Federal de Santa Catarina, Milovic ficou hospedado no mesmo hotel que o então deputado federal. “Era um louco falando barbaridades para meia dúzia de lunáticos no hotel”, assim descreveu Milovic.

E, mais um encontro, no avião. “Era insignificante”, recordava Milovic sobre a figura de Bolsonaro na política brasileira. Sintomático é tentar compreender não a personalidade repugnante de Bolsonaro que sempre defendeu a barbárie - ditadura, tortura e genocídio, mas o que mudou na sociedade brasileira que, antes não lhe dava ouvidos, e em 2018 decidiu eleger essas pautas extremistas como projeto político a ser implementado no Brasil.

5 Mais informações: <https://www.conectas.org/noticias/tragedia-yanomami-os-avisos-que-o-governo-bolsonaro-nao-quis-ouvir/>

6 Disponível: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/mnas?codcol=2441&tp=4>

7 Ver MILOVIC, Miroslav. Na casa de Levinas. In: **Comunidade da diferença**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Ijuí, RS: Unijuí, 2004.

8 RUEDA, Luis Sáes. **Ser errático**. Una ontologia crítica de la sociedade. Editorial Trotta, 2009, p. 1, Tradução minha.

Depois da tragédia é fácil identificar o rastro dos destroços e até traçar um encadeamento lógico dos fatos. Após a morte de Benjamin é fácil afirmar que Portbau era a pior rota de fuga. No entanto, naquele contexto histórico, será que era realmente? Tantos judeus conseguiram fugir pelos Pirineus, por que Benjamin não? Essa é a típica pergunta de quem sobrevive à catástrofe, não das verdadeiras testemunhas.

No que diz respeito às pessoas acometidas pela Covid-19, há relatos de pessoas intubadas e desacreditadas pelos médicos, mas que sobreviveram. Milovic, não. Recordo o médico dizer que Milovic precisava também de sorte. Será que a sorte tem força messiânica para evitar a tragédia? Numa entrevista, Milovic deixou a seguinte mensagem: “a consequência das tragédias políticas é que as verdadeiras vítimas não sobrevivem para testemunhar. Estamos neste silêncio sobre o Mal.”<sup>9</sup>

Derrida, no discurso de Frankfurt, lembrou que meses antes do suicídio, “Benjamin teria sonhado, sabendo-o sem o saber, algum hieróglifo poético e premonitório: ‘*Moi, d, je suis dorénavant ce qui s’appelle fichu*’ - ‘Eu, **d**, sou a partir de agora o que se chama de perdido’- (DERRIDA, 2002, p. 7).” Podem os sonhos preanunciar as catástrofes? A tradição de Platão a Husserl “liga a responsabilidade do filósofo ao imperativo racional da vigília, do eu soberano, da consciência vigilante” (DERRIDA, 2002, p. 2). A imagem construída no ocidente do filósofo não é daquele que sonha, mas que desperta, acorda, pensa.

Por outro lado, a filosofia mantém afinidades com o sonho, a literatura, a música e a poesia. Milovic argumenta que “é preciso falar, testemunhar, mesmo tendo as dúvidas. Para o mundo entender o que aconteceu. Para Pahor a literatura é essa possibilidade de testemunhar. Se aprofundar mais nesta vida, quer dizer nesta morte.” (MILOVIC, 2020, p. 391). Essa é a responsabilidade do sobrevivente, ideia que perpassa o texto.

## Amizades-Política

“O elemento político, na amizade, reside no fato de que, no verdadeiro diálogo, cada um dos amigos pode compreender a verdade inerente à opinião do outro” (ARENDDT, 1993, p. 99). O outro não é a cópia de si mesmo. O mundo comum dos amigos se potencializa nas diferenças e não na identidade.

Miroslav cultivou a arte de ter amigos em todos os continentes. Como filósofo e ser humano solidário, sabia a importância da amizade. O amigo é também o responsável por manter a memória do outro que partiu. É um compromisso diário que requer engajamento. Milovic dedicou seu último texto “Pandemia como história” à memória de Mário Castellani, amigo que faleceu em 2020. Mário era médico sanitário e encontrou Miroslav Milovic no curso de filosofia na Universidade de Brasília. Assim como a vida, a sala de aula promove bons encontros.

Fui testemunha dessa amizade. Lembro da esperança de Miroslav na recuperação do amigo que se encontrava hospitalizado. Dizia: “Mário vai acordar quando o pesadelo – a pandemia e o pandemônio (Bolsonaro) – tiver passado”. Infelizmente, isso não aconteceu.

A amizade verdadeira é infinita. Ser amigo é manter o diálogo também com os espectros.

<sup>9</sup> Ver a entrevista com Miroslav Milovic: Contemplar para compreender, entender a si mesmo para fazer o bem. Disponível: Entrevista especial com Miroslav Milovic - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

“Chama-lo por seu sobrenome, chamar seu sobrenome, seu nome, [...] se ele não responde mais, é também porque ele responde em nós, no fundo de nosso coração, em nós mas antes de nós, em nós diante de nós” (DERRIDA, 2008, p. 30).

Neste artigo, é significativo indicar que o rastro da amizade entre Milovic e Castellani está presente nos *Manuscritos do direito como potência*<sup>10</sup>. Essa fonte revela que nas anotações de filosofia de Milovic também aparece o registro singular de uma grande amizade.

O primeiro contato do leitor com os *Manuscritos* é impactante. Pode-se ver a letra de Miroslav. O estilo de escrita. O modo como elabora os argumentos. Os vários idiomas em que escreve. Esse é o primeiro Caderno publicado de Milovic, corresponde aos fichamentos do projeto inacabado “Direito como potência” desenvolvido na Universidade de Brasília.

Na seção sobre o pensamento de Hannah Arendt foi encontrada uma correspondência eletrônica datada de 15 de setembro de 2003, na página 198, na qual Mário escreve:

Caro Miro

Recebi este email hoje e achei que poderia te interessar... abraços Mário

O e-mail correspondia ao ensaio *A democracia não tem fim* escrito por Alcino Leite Neto, publicado em 14 de setembro de 2003. O ensaio versava sobre a obra *Voyous* de Derrida. Dizia o autor: “Voyous, do filósofo Jacques Derrida, talvez seja a principal obra de filosofia política publicada até o momento que tem no seu horizonte os acontecimentos trágicos de 11 de Setembro, o consecutivo avanço da “doutrina Bush” e a crise internacional que adveio de tudo isso”<sup>11</sup>.

No discurso proferido no Prêmio Adorno, em 22 de setembro de 2001, Derrida acrescentou de última hora considerações sobre a tragédia política do 11 de setembro. Ao fazer isso, Derrida externalizou que não podia silenciar diante das tragédias políticas. Na obra *Voyous*, publicada em 2003, Derrida desenvolve esse tema a partir da publicação de duas conferências em que trata a questão da razão e da democracia, bem como, as consequências éticas, políticas e jurídicas.

No ensaio *A democracia não tem fim*, o autor destaca a expressão “*États voyous*” que aparece na obra. Pontuando a dificuldade de tradução e a ambiguidade da expressão “Estados delinquentes” no cenário político internacional. O ensaio deixa expressa a complexidade da obra de Derrida e sua força política. É o que se depreende do trecho:

Derrida é um democrata extremado. A uma concepção fixa da democracia, cujos princípios já estariam determinados, o filósofo contrapõe a ideia da democracia como processo, como algo que produz sua própria diferença no tempo, pois está sempre inacabada, sempre por se fazer.<sup>12</sup>

Essa passagem do ensaio Miroslav Milovic grifou. A noção de democracia como processo inacabado é desenvolvida também por Miroslav no texto de 2005 *A impossibilidade da democracia*, no qual afirma “A democracia não está na presença” (MILOVIC, 2005, p. 5). Esta afirmação dialoga explicitamente com o conceito derridiano de democracia por vir, que não significa uma democracia futura, no sentido teleológico. Diametralmente,

10 Disponível: <http://library.lol/main/3C7CC452118A0DB2AA7ECC3BE1487D64>

11 Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult682u86.shtml>

12 Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult682u86.shtml>

significa, antes de tudo, que esta democracia com a qual sonhamos está ligada conceitualmente a uma promessa. A ideia de uma promessa está inscrita na ideia de democracia: igualdade, liberdade, liberdade de expressão, liberdade de imprensa – todas estas coisas estão inscritas como promessas da democracia (DUQUE-ESTRADA, 2004, p. 244).

Uma promessa infinita. Que não se realiza, dada a sua impossibilidade. Posto isso, fica patente que as ressonâncias<sup>13</sup> entre Milovic e Derrida parecem existir para além do interesse geral sobre a política e se estreita à noção singular de democracia. O engajamento político desses dois filósofos permitiu que em momentos sombrios da história ambos tenham se manifestado publicamente, mediante a escrita, em conferências e em entrevistas. O que reforça, portanto, o compromisso destes filósofos com a democracia, a justiça social e os perigos da despolitização.

É o que se pode verificar no discurso de Derrida ao receber o Prêmio Adorno. Diz Derrida: “não acredito na inocência política de ninguém nesse crime. E, se minha compaixão para com todas as vítimas inocentes é sem limite, é porque tampouco pára naquelas que morreram no 11 de setembro, nos Estados Unidos.” Por sua vez, Milovic no período do desgoverno Bolsonaro fez críticas severas sobre os perigos fascistas que via se consolidar no Brasil. Escreveu Milovic: “Políticos loucos como Trump e Bolsonaro vem falando que não há vírus, que é apenas uma gripe. [...] Ele é louco? Ele é o demônio em pessoa? Ele teve a honradez de posteriormente se desculpar?” (MILOVIC, 2020). Nós, sobreviventes, somos testemunhas que Bolsonaro não apenas não se desculpou como incentivou mais ataques e terror à democracia brasileira. O 8 de janeiro de 2023 foi o ápice desse extremismo.

No texto *Direito do Simulacro*, Milovic esclarece que a palavra diabo tem origem no verbo *diávolo*, que indica o caminho perigoso em abandonar o universal em defesa das estruturas identitárias (MILOVIC, 2021). Negar as diferenças, eliminar as minorias, refutar a verdade, afirmar pautas identitárias, autoritárias e preconceituosas é a síntese da gestão Bolsonaro. Posto isso, cabe-lhe, etimologicamente a expressão: governo diabólico.

### **Sem fim...**

A decadência de um país ocorre quando se esquece a origem da catástrofe contra seu povo. Em nome das vítimas da Covid-19 no Brasil e dos familiares que enfrentam a infinita tarefa do luto, é imprescindível cultivar as memórias individuais e coletiva para confrontar o passado sombrio da política brasileira.

De igual modo, é necessário promover uma luta constante para que os algozes sejam responsabilizados, julgados e punidos pelas ações e omissões criminosas. O método negacionista implementado como política governamental no Brasil sob o manto de normalidade foi em si tão assustador quanto as atrocidades cometidas.

Na primeira seção do artigo, restou demonstrado que o luto é infinito. É permanente. Estar enlutada de alguém que se ama implica em uma responsabilidade ética, pela memória do outro. Também ficou externalizado a imprevisibilidade de um acontecimento, da história, sobretudo,

<sup>13</sup> Há outros pontos comuns na filosofia de Derrida e Milovic. Isto fica patente na afirmação de Derrida: “fora do que dominou nossa tradição metafísica, tento, à minha maneira, extrair algumas consequências éticas, jurídicas e políticas, quer se trate do tempo, do dom, da hospitalidade, do perdão, da decisão - ou da democracia por vir” (DERRIDA, 2022, p. 3). Esses temas se fazem presente nos escritos e projetos de pesquisa de Milovic.

das catástrofes políticas. Ainda assim, o sentimento de culpa persiste em quem sobrevive. No mais, ficou explícito que “o sonho é também um lugar hospitaleiro para a exigência de justiça, assim como para as esperanças messiânicas mais invencíveis” (DERRIDA, 2002, p. 6).

Na segunda seção, através da correspondência de Mario Castellani a Miroslav Milovic se comprovou a conexão entre a amizade e a política. Mario tinha a hipótese de que o ensaio *A democracia não tem fim* poderia interessar a Milovic. O que se confirmou, dado que Milovic imprimiu a correspondência eletrônica e juntou aos fichamentos do projeto Direito como Potência – que foi publicado em 2021 com o título *Manuscritos direito como potência*.

Embora o ensaio em questão verse sobre a obra *Voyous* de Derrida, Milovic o anexou na seção sobre a filósofa Hannah Arendt. Por qual razão? Esta pergunta não foi respondida, pois o objetivo do artigo é também convidar todos os leitores de Milovic ir à fonte primária, ao encontro dos *Manuscritos direito como potência*.

Ao final, o artigo comprovou as ressonâncias políticas entre o pensamento de Milovic e Derrida, inclusive, uma proximidade na noção de democracia inacabada, intitulada por Derrida de democracia por vir e em Milovic de impossibilidade da democracia. No mais, seguiu-se o rastro da produção de Milovic e constatou-se que a obra *Voyous* é citada como bibliografia por Milovic no artigo *Teoria e política: Derrida vs Sartre*, o que demonstra que o e-mail do amigo Mário Castellani trouxe implicações práticas na escrita do filósofo Miroslav Milovic. Nisso, consiste a verdadeira amizade, a afirmação da diferença, no outro que me atravessa, que faz parte do meu ser.

A filosofia de Milovic acredita que a “política faz a diferença, a política cria a ontologia, a possibilidade do Novo” (MILOVIC, 2006a). Ao som de “Vivo Sonhando” de Tom Jobim, respondo ao espectro de Miroslav Milovic, meu eterno companheiro:

“Pobre de mim, que só sei te amar!”

## Referências

ARENDRT, H. **A Dignidade da Política**: ensaios e conferências. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 3 ed.,1993.

CONTINENTINO, M. C.. **O fim do mundo**: Adeus a Claudia Castro. Analógos (PUCRJ), v. XI, p. 211-216, 2011.

DERRIDA, J. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. São Paulo, Perspectiva, 2004.

DERRIDA, J. **Discurso de Frankfurt**. Le Monde diplomatique. Janeiro de 2002.

DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar (org.). **Espectros de Derrida**. Rio de Janeiro: NAU editora, 2008.

LEVINAS, Emmanuel. **Deus, a morte e o tempo**. Almedina, 2003.

MILOVIC, Miroslav. Na casa de Levinas. IN: **Comunidade da diferença**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Ijuí, RS: Unijuí, 2004.

MILOVIC, Miroslav. **Arendt. O otimismo pensando a dignidade da política.** Edição 206, Revista do Instituto Humanistas Unisinos. IHU ONLINE, 2006a.

MILOVIC, Miroslav. **A impossibilidade da democracia.** Anais do XIV Congresso Nacional do CONPEDI, Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006b.

MILOVIC, Miroslav. **O vírus do capitalismo.** São Paulo: Prerrogativas, 2020.

MILOVIC, Miroslav. Teoria e Política: Derrida vs Sartre. Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia, V.11, n.1, 2022.

MILOVIC, Miroslav. **Necrópole da vida nua:** Paralelismos entre Agamben e Pahor. Profanações, 7, 2020, p. 387–393.

SANTOS, Rose Dayanne. Luto Impossível: em memória de Miroslav Milovic. IN: SANTOS, Mariana Dias Pinheiro... [et. Al]. **II Filosofia, vida e morte (livro eletrônico).** 1 ed. Aracaju: Marcos Balieiro, 2022.

RUEDA, Luis Sáez. **Ser errático.** Una ontologia crítica de la sociedade. Editorial Trotta, 2009, p. 1, Tradução minha.